

AUGUSTO FRANCO

**Nuno Tomaz Pires de Carvalho**

Faculdade de Direito

É verdade que Luanda é feia e suja,  
uma cidade estúpida como todas as cidades que não têm um  
prefeito em condições.

É verdade que as ruas têm buracos, que o céu é cinzento  
e que a baía só é bonita nos postais ilustrados  
que a mostram vista da fortaleza, do porto, do porto e da fortaleza.

É verdade que a poeira entra por uma pessoa adentro com vento  
ou sem vento,  
que as águas da baía são nojentas  
e que a ilha só tem de bonito os barcos que entram na barra.

Sim, é verdade.

Também é verdade que em Luanda, como nas outras cidades,  
estacionar o automóvel é um bicho de sete cabeças  
e que ao domingo à tarde a família vai descansar  
para os engarrafamentos de trânsito da ilha.

É verdade que no meu prédio existe uma moça terrivelmente  
prendada que até às tantas da manhã se entretém a tocar  
qualquer coisa que deveria ser  
piano

(acrescento já que ela é míope mental e calça sapatos 41);

é verdade que no meu prédio, desde o meio-dia até à meia-noite,  
acontecem os mais incríveis jogos de futebol,  
os mais sangrentos recontros entre índios e cow-boys  
(o sheriff é o tal que nunca morre  
e que acaba por liquidar — em duelo trágico mas leal — o  
gun-man malfeitor e com cara de mau),  
é verdade que no meu prédio acontecem os mais intrigantes boatos,  
os mais mordazes comentários  
e os mais fatigantes esgotamentos nervosos.  
É verdade que aqui também alguém se embriaga para esquecer  
alguma coisa,  
e que alguém se suicida para fugir a alguma coisa,  
e que alguém mata para conseguir alguma coisa,  
e toda essa coisa está incluída na senha do machimbombo que  
trouxe todo o mundo de casa para esta merda de vida.

E é verdade que os bordéis estão concentrados no Marçal,  
e que no Prenda, volta e meia, há cenas de facada,  
e que, por uma vez, eu assisti na ilha aos ciúmes desenfreados  
da mulher enganada.

É verdade que há jardins  
donde poderíamos colher girassóis  
e pousá-los no coração cansado,  
é verdade que aqui os pássaros também caem  
e que às vezes um velho, cheio de medo de morrer, enlouquece,  
é verdade que a mocinha feia que não conseguiu casar se prostitui,  
que a pureza da flor  
foi esquecida, amarrotada em limalha de ferro,  
e que a minha vontade de chorar  
oculta um desejo enorme de perdição.

Sim, isto é verdade.

Mas também é verdade  
que pouco me importa que o prefeito seja um incapaz  
e que as ruas tenham buracos;

pouco me importa que a Mutamba seja um nojo  
e que os programas de rádio sejam chatos como o raio que os parta;  
pouco me importa que a baía esteja cheia de óleo  
e que a ilha seja feia,  
e que as únicas belezas locais sejam os coqueiros, os coqueiros,  
os coqueiros e outra vez os coqueiros,  
e que se diga que quem cometeu o crime não foi fulano mas sim  
beltrano que negocia em diamantes e tem os olhos  
tortos;

pouco me importa, arre, pouco me importa,  
porque em Luanda é que eu te conheci, mulher amada,  
e eu e tu, mulher amada  
(qual Luanda, qual carapuça!),  
somos outra cidade, outro prefeito, outra baía,  
os teus seios, outras colinas,  
os teus braços, outras flores,  
as tuas mãos em concha, outra esperança,  
a tua boca entreaberta, outro desejo.

Luanda (Angola). 28-08-71